



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

ALUNA: ERIKA MARIA CORREIA DE LIMA

**POLIAMOR – UMA FORMA DE RELACIONAMENTO AFETIVO-
CONJUGAL NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE**

JOÃO PESSOA/PB

2018

ERIKA MARIA CORREIA DE LIMA

**POLIAMOR – UMA FORMA DE RELACIONAMENTO AFETIVO-
CONJUGAL NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Doutor Anderson
Moebus Retondar

JOÃO PESSOA

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732p Lima, Erika Maria Correia de.
 Poliamor - Uma forma de relacionamento afetivo-conjugal
 no contexto da pós-modernidade / Erika Maria Correia de
 Lima. - João Pessoa, 2018.
 50 f. : il.

 Orientação: Anderson Moebus Retondar.
 Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

 1. Poliamor; Relacionamento; Monogamia; Modernidade. I.
 Retondar, Anderson Moebus. II. Título.

UFPB/CCHLA

ERIKA MARIA CORREIA DE LIMA

**POLIAMOR – UMA FORMA DE RELACIONAMENTO AFETIVO-
CONJUGAL NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em _____ de novembro de 2018.

BANCA AVALIADORA

**PROF. Dr. Anderson Moebus Retondar
(UFPB)**

ORIENTADOR

PROF^a. Dr^a Marcela Zamboni (UFPB)

Examinadora

**PROF^a. Dr^a Simone Magalhães Brito
(UFPB)**

Examinadora

Dedico este trabalho a toda forma de
amar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os mestres que tive a honra de conhecer ao longo do Curso e de alguma maneira contribuíram para meus conhecimentos, para vida e para esse trabalho.

Agradeço a minha Mãe que tanto se orgulha com esse título. Agradeço ao meu lindo filho, que tento passar um pouco desses ensinamentos e contribuições para sua vida pessoal e profissional.

Agradeço ao meu companheiro, doutor/professor em biologia da UFPE, que cobrou muito a conclusão desse trabalho, e que quando o leu disse: “vocês são loucos”.

E não posso deixar de agradecer ao meu amigo fiel, Téo, meu pequeno cão, que por horas de paciência aos meus pés esperava minhas leituras e produções, e repentinamente chegava com seu brinquedo favorito, humildemente clamando para brincar.

“Atravessamos o inverno e a casca é fina,
se andarmos devagar o chão racha e a
gente morre.” Zygmunt Bauman

RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar uma nova forma de relacionamento afetivo dos dias atuais que envolve, ao mesmo tempo, mais de duas pessoas, o Poliamor. Neste tipo de relacionamento o comprometimento dos envolvidos são lealdade, transparência e compersão. No mundo Moderno e Pós-Moderno em que tudo se transforma com muita rapidez, no campo das ações humanas não é diferente, os relacionamentos afetivos também se transformam e cabe refletirmos sobre a importância do debate acadêmico voltado para esse tema. Para tanto, foi utilizado como método de coleta de dados, a pesquisa bibliográfica, através do estudo levantado no referencial teórico sobre Modernidade, Pós-Modernidade e os relacionamentos amorosos no mundo Moderno e Pós-Moderno, palestras, entrevistas e depoimentos disponíveis na *internet* como, *sites*, *blogs* e redes sociais de pessoas envolvidas com o Poliamor. As posições de pesquisadores, psicanalistas, sexólogos, historiadores, tabeliães, advogados e alguns poliamoristas são aqui apresentadas e discutidas. A partir da análise de dados foi possível perceber a importância de observar e apontar as transformações da sociedade, neste caso específico, nas relações afetivas e amorosas, analisando as limitações, desafios e contribuições no meio social. Enfim, por meio de todo o estudo realizado e das sugestões apresentadas é possível confirmar que o Poliamor é uma nova forma de relacionamento amoroso e poliafetivo presente na atualidade e que reflete as transformações sociais e culturais no mundo contemporâneo.

Palavras-Chaves: Poliamor; Relacionamento; Monogamia; Modernidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Parada em prol do Poliamor em São Francisco, EUA (2004)	28
Figura 3- Formatos de Poliamor	35
Figura 4 - Formatos de Poliamor	35
Figura 5 - Formatos de Poliamor	36
Figura 2 – Trisal poliamorista.....	39
Figura 6 - Paula, Klinger e Angélica	41
Figura 7 - Ritoca, Eustáquio e Audhrey	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Definições do Termo Poliamor.....	32
Tabela 2 - Formas de Poliamor	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE	17
1.1 História da Modernidade.....	17
1.2 Relações Afetivas.....	24
2 SEXUALIDADE E SOCIEDADE	26
2.1. Monogamia	27
2.2 Poliamor	28
2.3 Conceitos e definições de Poliamor	31
2.4 Formas de Poliamor	34
3. SOBRE O POLIAMOR.....	36
3.1. A Cultura Do Poliamor	38
3.2 Fada, Léo e Bardo	39
3.3 Klinger, Angélica e Paula	41
3.4 Audhrey, Ritoca e Eustáquio	42
3.5 Henrique, Isadora E Luís	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

O imediatismo é uma das características dos dias de hoje, deixando nas pessoas um sentimento de controle das emoções que muitas vezes é transportada para as suas relações afetivas, levando a um encurtamento, no sentido de abreviação, dos relacionamentos amorosos, dos relacionamentos na família, e nas amizades. Os avanços na área da tecnologia têm auxiliado muito a sociedade em diversos aspectos, mas com a mesma rapidez desses avanços, as relações afetivas também são marcadas pela fluidez, fragilidade, e ainda, frouxas, livres e inseguras (BAUMAN, 1998).

Esse imediatismo, essa liquidez, são características da Pós-Modernidade e provoca em algumas pessoas o desejo de buscar novas experiências e vivenciar suas emoções, levando-as a desenvolverem e experimentar novos formatos de relacionamentos amorosos, como o Poliamor.

De forma geral, os relacionamentos amorosos de hoje são marcados pelo sentimento de que o “eterno” e o “para sempre” se rompem com um simples toque, e ainda, as pessoas buscam se libertar de traumas e frustrações, satisfazer suas emoções, vivenciar novas experiências e se comprometer com relações que as satisfaçam de fato.

Pode-se definir o Poliamor como um novo modo de relacionamento afetivo entre mais de dois parceiros e que ao contrário do ciúme e da resistência ao ver o parceiro com outra pessoa, o Poliamor é marcado de forma característica pela compersão¹, que é uma das bases desse modelo de relacionamento, onde há

¹ É o sentimento de contentamento de uma pessoa ao ver seu parceiro amoroso feliz com outra pessoa. O termo é mais usado quando esta felicidade do parceiro inclui um prazer sexual com o terceiro, mas não é restrito a isso. A compersão é a ausência ou a superação do ciúme entre parceiros amorosos. Ser compersivo é ter empatia, perceber que se alguém faz bem à pessoa que você ama, isso acaba fazendo bem a você também, entendendo que a pessoa amada está sendo bem cuidada, está feliz, e não está sendo lesada, magoada ou machucada dentro desta outra relação.

grande satisfação em se observar a felicidade da pessoa amada ao se relacionar com uma terceira pessoa.

O Poliamor pode ser visto como uma nova forma de expressão de afeto entre as pessoas envolvidas no relacionamento, ao contrário do que a maioria das pessoas pensam e que, segundo os poliamoristas, existe comprometimento, consentimento e muita clareza nos anseios dos envolvidos. De acordo com a psicanalista, pesquisadora e escritora sobre temas como relacionamentos afetivos e sexualidade, Regina Navarro Lins em uns de seus depoimentos em seu canal do *youtube*², afirma que é preciso analisar este formato de relacionamento, procurando entender o processo de transformação humana e relações sociais que vem acontecendo desde a década de 60 após a descoberta da pílula anticoncepcional que trouxe grandes transformações nas relações afetivas, no casamento e no sexo.

Ainda segundo Navarro Lins, essas transformações são processos que podem demorar décadas para serem percebidas por algumas pessoas, mas que também não impede que outras já vivenciem essas transformações e usufruam desses novos modelos de relacionamentos.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi contribuir para que o leitor compreenda o Poliamor como um fenômeno social e um novo modelo de relacionamento num contexto de Pós-Modernidade em meio a tantos outros modelos de relacionamentos amorosos desta era Líquida e que também possa contribuir para os estudos acadêmicos das ciências sociais.

Algumas pessoas encaram a compersão como sendo um sentimento diametralmente oposto ao ciúme. Mas compersão e ciúme podem acontecer ao mesmo tempo, com a mesma pessoa, em relação a uma mesma situação ou parceiro(a).

Fonte: <https://vidapoliamor.wordpress.com/compersao/>

Acesso em 21 de março de 2018

²Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qJUYeiCLTmU&index=3&list=PLOj6YsLh8y9ktHm9nWi1vkwUzENKdgoX5&t=0s>

Acesso em 12 de agosto de 2017

O tema escolhido para o trabalho de conclusão de curso é relevante por se tratar de uma questão ainda pouco explorada nas ciências sociais e por existir ainda pouco material científico consolidado e disponível em relação a essa temática do Poliamor.

Sendo assim, a proposta desse estudo traz uma abordagem do Poliamor como um novo formato de relacionamento afetivo/amoroso e suas características em uma era Pós-Moderna, sobretudo, como mais um modelo dentre outros vários modelos de se relacionar afetiva e/ou amorosamente.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas de teóricos consolidados ao tema Modernidade, Pós-Modernidade, família, cultura e sociedade. E pesquisas de internet no *facebook*, em páginas de grupos poliamoristas, no *youtube* com diversas entrevistas, depoimentos e palestras, e ainda em *blogs* relacionados ao tema Poliamor. A pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações científicas da área sociológica, com o intuito de compreender o Poliamor como um novo modelo de relacionamento no processo de transformações das relações sociais.

Além disso, foi realizada pesquisa na *internet* sobre depoimentos, entrevistas já realizadas anteriormente por terceiros e palestras com profissionais de áreas afins como psicanálise, sexologia, filosofia e história, como também acesso a dissertações de mestrado e teses de doutorado, em sua totalidade, diretamente relacionados ao tema Poliamor.

Dentro desta perspectiva o presente trabalho estruturou-se em três capítulos, apresentando-se, no primeiro, definições da Modernidade e do amor líquido baseado nas perspectivas teóricas de Bauman (2007) e Giddens (1994), além da transformação das relações sociais e afetivas na Modernidade e Pós-Modernidade.

No segundo capítulo se fará uma breve apresentação dos modelos e tendências de relacionamentos afetivos. E por fim, no último capítulo, se abordará a cultura do Poliamor, trazendo suas definições e seu contexto histórico com o objetivo de contribuir com os estudos sobre o tema, bastante atual, mas ainda com poucos

trabalhos consolidados. Em suma, o presente estudo buscou compreender este novo formato de relacionamentos afetivos/amorosos presente na sociedade contemporânea.

1. MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

1.1 História da Modernidade

Pode-se falar inicialmente de Modernidade como estilo de vida, um conjunto de ideias ou organização social a partir do século XVII em parte da Europa ocidental com seus ideais iluministas e progressistas, apoiado no pensamento crítico e contestando os privilégios feudais e aristocratas e da igreja católica, permitindo mais autonomia aos indivíduos e abrindo caminho para o pensamento racional do conhecimento. Com a autonomia e a afirmação do indivíduo, surge o Individualismo como um novo valor social e uma nova forma de atuar e se relacionar com o mundo ao seu redor (CALDEIRA, 2010).

O Individualismo tornou as pessoas mais autônomas, buscando satisfação e liberdade para suas próprias ideias e convicções, ou seja, um próprio estilo filosófico, moral ou político.

Ainda em parte da Europa surge também o Iluminismo como um movimento intelectual o qual defendia a liberdade econômica, a ciência e a razão como forma inovadora de se conhecer o mundo.

A Modernidade surgiu pela crença da transformação do mundo pela ciência, pela racionalidade, individualismo e autonomia de pensamento. Em meio a todas essas transformações que a sociedade passa nesse período, não podemos deixar de mencionar outro evento importante e que marca a era moderna, que foi a Revolução Industrial, que aconteceu no período entre 1760 e 1900, transferiu o trabalhador camponês para as fábricas que surgiam nos centros das cidades tendo como principais características a contribuição para a ascensão do capitalismo e da classe burguesa, conseqüentemente, da sociedade de classes de inclusão e exclusão. Com a expansão do capitalismo nos séculos XIX e XX a Modernidade toma suas proporções do que é conhecido nos dias atuais em seus avanços

tecnológicos nas áreas da saúde, do trabalho, do lazer e nos meios de comunicação (BAUMAN, 1998).

Neste mesmo período da Modernidade, surge o amor romântico, como um novo modo de se relacionar afetivamente, calcado na idealização e carregado de expectativas em que um indivíduo projeta seus ideais a partir do seu par. Fato quase improvável na Europa pré-moderna, em que amava-se apenas a Deus e a maior parte dos casamentos eram baseados em acordos econômicos ou divisão de trabalho para parte menos abastada da sociedade. Com o advento ao romantismo, o amor no casamento passou a ser uma possibilidade.

A Modernidade trouxe assim para a sociedade e para as relações sociais, transformações no modo de relacionamentos afetivos e amorosos e sobretudo a forma de organização da sociedade, que mais tarde passa a refletir sobre todas essas transformações da era moderna.

A Modernidade pode ser caracterizada também, pela perda da solidez nas estruturas políticas, econômicas e sociais³, se caracterizam pela sua liquidez. Ou seja, tanto na solidez quanto na era líquida, como podemos observar até agora, a sociedade está sempre em transformação, implantando estruturas, pensamentos e modos de vida com frequentes mudanças e adaptações. E esta pequena narrativa histórica tem a finalidade de acompanhar as transformações, os modos das relações afetivas de acordo com o contexto político, econômico e social de cada tempo.

Vejamos a seguir o trecho da obra: “Amor Líquido” (2004), de Bauman.

O cidadão de nossa líquida sociedade moderna, e seus atuais sucessores são obrigados a amarrar um ao outro, por iniciativa, habilidade e dedicação próprias, os laços que por ventura pretendam usar com o restante da humanidade. Desligados, precisam conectar-se...Nenhuma das conexões que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos, tem contudo, a garantia da permanência. [...] eles só precisam

³ Em entrevista para a revista eletrônica: Das Magazin

<https://www.dasmagazin.ch/2017/01/10/zygmunt-bauman/?reduced=true>

Acesso em 10 de janeiro 2018

ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem, o que na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes. (BAUMAN, 2004, p. 7)

O termo Pós-Modernidade surge depois da última grande guerra mundial, na década de 1950, que além de todas as transformações e ascensões econômicas, políticas e sobretudo social, de acordo com o sociólogo Zygmunt Bauman (1998), parecia resumir a uma devastação produzida pela modernidade a tudo que era habitual, familiar e seguro.

Podemos imaginar a Pós-Modernidade como a inquietude humana, a consciência de que deu errado a promessa de organização e simetria da Modernidade, ainda mais, é acordar de um sonho. De acordo com o sociólogo Bauman, o desejo de segurança que a Modernidade prometeu fez com que os homens trocassem um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança e a Pós-Modernidade nasceu de um sentimento de fracasso da Modernidade em que os homens e mulheres pós modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de liberdade (BAUMAN, 1998).

Mas essa diversidade de pensamento não extermina o que é do passado, convive com o novo de maneira conflituosa. Se consagra pelo consumo desenfreado, pela valorização do novo, na saúde, no trabalho, na cultura, no lazer e acima de tudo nos meios de comunicação. Uma era em que não é preciso retardar nenhum desejo, tudo funciona instantaneamente e não permite apegos.

Neste contexto, vejamos o trecho a seguir:

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p. 10)

Sendo assim, como já mencionado acima, a promessa da estrutura do Estado não foi cumprida e parecia ineficiente, desse modo o mercado é aberto para a iniciativa privada e o mercado livre toma conta de todas as relações do mercado de trabalho à educação, à família e ao amor.

Na obra *Modernidade Líquida* (2001), Bauman relata como é a sensação das visitas aos espaços de compras, também nomeados de templos de consumo. Seria como uma viagem a outro mundo, ou seja, permite às pessoas experiências diferentes das que costumam ter no cotidiano. Esses templos permitem aos consumidores o sentimento de pertencer a uma comunidade, no sentido de estar todos juntos na mesma intenção, sem esforço ou vigilância. Esses espaços são cuidadosamente preparados para oferecer o que nenhuma realidade fora dali pode ofertar: o equilíbrio quase perfeito entre liberdade e segurança.

Além de trazer progressos econômicos, tecnológicos, político e sociais, a Pós-Modernidade se caracteriza também pela dualidade entre o novo e o velho, o moderno e o tradicional, a segurança e a liberdade, a confiança e o risco. Os valores estão sempre sendo reavaliados desencadeando a (in) satisfação e a incapacidade de administrar o futuro. A sociedade convive nesse dilema de contrastes e a busca incessante pela ordem que na realidade a modernidade não cumpriu, provocando um sentimento de desencantamento do mundo onde a religião, a política, a ciência e a própria relação para com estes, passam a ser constantemente questionadas.

Em “*Vida para o consumo: A transformação das pessoas em Mercadoria*” Bauman (2008), descreve a sociedade como “sociedade de consumidores” e que as relações sociais são organizadas e baseadas no consumo. O consumo possui papel fundamental na formação das identidades e relação entre as pessoas. Tem a capacidade de mudar como as pessoas veem a si próprio e de como projetam sua imagem para as outras pessoas. Vejamos:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpetua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. (BAUMAN, 2008, P.20)

De acordo com Bauman (2001), a Modernidade não acabou com o surgimento da Pós-Modernidade. Para o autor, apenas a Modernidade passa a ser líquida, é um estado onde existe um esforço enorme para acabar com tudo que foi consolidado no início da era moderna na estrutura política, na estrutura social, econômica e nas relações sociais.

No campo das relações sociais, os relacionamentos afetivos também seguem o mesmo esforço para acabar com a solidez da modernidade e começam a passar por processos de transformações e surgem diversas formas na estrutura da família e dos relacionamentos afetivos.

O Poliamor se apresenta entre outras formas, como uma desconstrução do modelo hegemônico das relações afetivas da Modernidade, apresenta-se como um novo formato de relacionamento dentro do atual sistema cultural, que é o do tradicional casamento monogâmico⁴. Apesar da monogamia ser o ideal predominante nas relações afetivas, segundo (PILÃO; GOLDENBERG, 2012), também é uma categoria fundamental para comparação daquilo que os poliamoristas defendem ser, não monogâmicos. É uma constante dicotomia que depende justamente do oposto para fazer sentido: Poliamor X monogamia.

De acordo com alguns poliamoristas pesquisados no artigo científico, “Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias” (PILÃO;

⁴ De acordo com o Código Civil Brasileiro, Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002 – artigo 1566.

Do casamento: são deveres de ambos os cônjuges:

I - fidelidade recíproca;

II - vida em comum, no domicílio conjugal;

III - mútua assistência;

IV - sustento, guarda e educação dos filhos;

V - respeito e consideração mútuos.

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/l10406.htm

Acesso: 06 de julho de 2018

GOLDENBERG, 2012), há alguns que defendem a superioridade do Poliamor e que ao anular a monogamia, estaria se livrando de boa parte dos problemas conjugais. Outros não acreditam que o Poliamor possa se tornar um tipo de relacionamento majoritário numa sociedade capitalista, mas apenas em um “regime comunista” em que o Poliamor poderá se tornar a base hegemônica para os relacionamentos afetivos.

Não é incomum a associação da monogamia ao capitalismo, ambas pressupõem hierarquia e competição entre parceiros e por parceiros. O Poliamor e o comunismo, em contrapartida, seriam marcados por igualdade e cooperação. O amor monogâmico entendido como “sentimento de posse” também é considerado reflexo de uma lógica capitalista de “mercantilização” de objetos, pessoas e sentimentos. Seria a partir do Poliamor e da superação do capitalismo que todos poderiam ser efetivamente “livres”. (PILÃO e GOLDENBERG, 2012, p. 66)

Embora o Poliamor possa existir a partir da negação da monogamia, segundo os mesmos autores acima, essa dicotomia pode ser relativizada pela existência de outros tipos de relacionamentos “não monogâmicos”, por ter um forte discurso de igualdade entre todos e pela dificuldade de encontrar parceiros adeptos que assumam publicamente o Poliamor.

O processo de movimento da sociedade moderna vai transcorrendo e as próprias ações de alguns indivíduos, mesmo que em número pequeno, pode ser o surgimento de novas formas de relacionamentos. O modelo da instituição tradicional como é o da família monogâmica, a passos curtos vem dividindo espaços com novos modelos nesse cenário pós-moderno, como podemos ver os mais variados tipos de famílias fora do modelo nuclear.

Entende-se assim que, como a monogamia foi aceita e estendida, outros tipos de relações e de formações familiares podem também ser perfeitamente apresentados, aceitos e estendidos para as pessoas que se sentirem impactadas e envolvidas por tal modelo.

No campo jurídico, o poder legislativo tem demonstrado que alguns grupos da sociedade estão vivenciando novas formas de relacionamentos quando já admitem que os cartórios de registros civil realizem uniões poliafetivas. Assim, o poder institucional da família, não se pode negar, está passando por processos de transformação.

No decorrer do desenvolvimento deste trabalho, o Conselho Nacional de Justiça, decidiu proibir aos cartórios de registrar união estável às relações poliafetivas, atendendo a um pedido de providências emitido pela Associação de Direito da Família e das Sucessões.

Segundo o relator do processo⁵, o ministro João Otávio de Noronha, esse tipo de união, não tem respaldo na legislação, que reconhece direitos previdenciários e relativos à herança, apenas uniões por casamentos ou união estável. Mas acrescenta, “nesse julgamento, eu não discuto se é possível uma união poliafetiva ou não”. Esclarece que apenas julga os atos dos cartórios que devem estar dentro do sistema jurídico.

A presidente do CNJ e STF, a ministra Cármen Lúcia, corrobora com o relator ao delimitar o objeto do julgamento e diz, “o desempenho das serventias [cartórios] está sujeito à fiscalização e ao controle da Corregedoria Nacional de Justiça [...]. Não é atribuição do CNJ tratar de relação entre pessoas, mas do dever e do poder dos cartórios de lavrar escrituras. Não temos nada com a vida de ninguém. A liberdade de conviver não está sob a competência do CNJ. Todos somos livres, de acordo com a constituição.”

De acordo com Giddens (1993), o amor confluyente⁶ como uma direção de relacionamentos da Modernidade, diferente do amor romântico, não se baseia no

⁵ Fonte: <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/87073-cartorios-sao-proibidos-de-fazer-escrituras-publicas-de-relacoes-poliafetivas>

Acesso: 26 de junho de 2018.

⁶ Parecido com o relacionamento puro, que é o relacionamento desprendido do “eterno para sempre”, “eu não vivo sem você”. Ambos são tipos de relacionamentos da contemporaneidade. O amor confluyente é baseado no respeito à individualidade, aceitação e liberdade de cada um. Ou seja,

futuro nem na fantasia do complemento um do outro, é mais real e não implica apenas em relação sexual. Tem a ver com a vontade e o compromisso de entrar numa relação pela própria relação e, que a permanência deve ser enquanto as partes considerarem suficientemente satisfatória para cada uma individualmente. E ainda, a exclusividade sexual tem a importância no relacionamento até o ponto em que os envolvidos na relação considerarem desejável e aceitável.

1.2 Relações Afetivas

As relações afetivas passaram por algumas transformações ao longo do tempo como vimos anteriormente. Novas formas de relacionamentos afetivos e amorosos também surgiram baseadas na ideia Pós-Moderna, de liquidez, do hedonismo, da busca do prazer pelo prazer, da satisfação do desejo e a busca da felicidade individual.

O amor romântico para Giddens (1993), é culturalmente específico, baseado numa ideia de “liberdade” de escolher a pessoa com quem se relacionar e idealizar um “amor para sempre”, narrado pelos romancistas e novelas da época. A figura materna, cuidadora do lar e o modelo de família tradicional de que conhecemos no ocidente se consolida neste período.

Vejamos um trecho da obra de Giddens, “A Transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas”.

O amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida individual, fórmula que se estendeu radicalmente a reflexividade do amor sublime. Contar uma história é um dos sentidos do “romance”, mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos. O início do amor romântico coincidiu mais ou menos com a emergência da novela: a conexão era a forma narrativa recém descoberta.

nenhum está a serviço do outro e ambos estão a serviço do relacionamento. O amor confluyente presume igualdade na adoção do compromisso com a relação. (Giddens, 1993)

O complexo de ideias associadas ao amor romântico pela primeira vez vincula o amor com a liberdade, ambos considerados com estados normativamente desejáveis. (GIDDENS, 1993, p. 50)

A revolução sexual e feminista da década de 60, provocada por inquietações sobre esse modelo tradicional de família, inicia uma reflexividade sobre felicidade e condições de vida pessoal. As mulheres que sempre estiveram por trás da figura masculina, ignoradas, reprimidas, caladas e protegidas pela moral do “comportamento aceitável” dão início a uma nova era.

Ao passo que na monogamia se contempla a ideia do outro absoluto, ou seja, na relação afetiva, existe apenas o cônjuge e ninguém mais, há vários outros modelos de relacionamento que destoam do modelo tradicional, dentre as quais o Poliamor, ou relacionamento não monogâmico, onde se busca o envolvimento com vários parceiros, tendo a concordância de todos os envolvidos na relação PILÃO; GODELBERG, (2012).

O Poliamor como uma nova proposta de relacionamento afetivo/amoroso se encaixa nessa proposta Pós-Moderna de realização pessoal e de busca de felicidade individual.

A Pós-Modernidade trouxe o imediatismo e plena satisfação para o mundo e em consequência, o desejo de felicidade individual é frequentemente questionado pondo em risco a segurança dada pela estrutura da modernidade. Diante desse cenário, é que pode surgir as tendências de novos modelos de relacionamentos afetivos, como por exemplo, o Poliamor, como uma nova possibilidade de relacionamento amoroso e sexual que algumas pessoas estão vivenciando, assumindo e trazendo para discussão em sociedade e estudos em áreas afins.

Na liquidez dos relacionamentos amorosos, os laços são frouxamente estabelecidos sendo reflexos dos fenômenos causados pela Pós-Modernidade. Nesse sentido, pode ser comparado a instantaneidade de um líquido escorrendo pelas mãos. O amor romântico, com a promessa de exclusividade nas relações de

forma tradicional, parece estar mudando. O amor romântico tem o objetivo de projetar e basear o amor confluyente, não necessariamente monogâmico nem heterossexual.

Zygmunt Bauman⁷ fala que os laços humanos da Pós-Modernidade são formados por dualidade, uma benção e uma maldição. Benção por simplesmente ser muito prazeroso ter um parceiro a quem confiar e acreditar no “felizes para sempre” ligado a maldição de poder estar perdendo outras inúmeras possibilidades por estar comprometido com alguém. O autor aponta um fenômeno ambivalente aonde todos estão numa solidão e multidão de valores indispensáveis para uma vida relativamente feliz ao mesmo tempo, um é a segurança e o outro a liberdade.

E continua:

“O problema é que nunca ninguém encontrou essa fórmula de ter os dois ao mesmo tempo, nesse caso, quando detém de segurança, abre mão de liberdade e quando detém de liberdade, abre se mão de segurança”.

Como bem assegura Bauman (2007), pode se dizer que a vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. Nesse contexto fica claro que quem não correr para garantir, temporariamente, sua cadeira, é largado no ostracismo, o mais importante, contudo é constatar a fluidez e rapidez com que tudo acontece na modernidade.

2 SEXUALIDADE E SOCIEDADE

⁷ Em entrevista disponível na internet
<https://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNIarU&list=PL5Iy67g7Vq0R4PRpp4U2i27bOXLOYR5J&index=1&t=0s>

2.1. Monogamia

Define-se monogamia como um regime em que o homem e a mulher podem ter apenas um parceiro, ou cônjuge. Este regime deverá imperar enquanto a pessoa estiver legalmente casada, uma vez que, no ocidente, o casamento reconhecido de forma oficial até o momento tem caráter monogâmico (DELERUE, 2014).

De acordo com o autor:

O primeiro relato de monogamia que se tem na história remete ao antigo Egito, cerca de 900 a.C. Segundo os arqueólogos, naquela antiga civilização as uniões já eram instituições formais, como mostram diversas obras de arte daquele povo. Havia contratos de casamento, onde já eram estabelecidos os direitos da esposa em caso de divórcio ou viuvez. Apesar de a monogamia ser a regra, o Faraó, e apenas ele, estava livre para se casar com quantas mulheres quisesse. Essas mulheres eram distribuídas em três categorias de importância: concubinas, esposas secundárias e a grande mulher do rei. Qualquer mulher que o faraó desejasse (...) poderia ser uma concubina. Essas esposas terciárias habitavam o harém do Faraó e eram verdadeiras escravas sexuais do seu senhor. Estavam sempre bem limpas e cuidadas estando à disposição do Faraó para saciar seus impulsos sexuais. (DELERUE, 2014, p. 13)

A monogamia é um ideal, na sociedade ocidental, predominante no sistema de relacionamento afetivo em que a fidelidade mútua deve prevalecer entre os parceiros. A fidelidade nos relacionamentos afetivos é algo esperado de forma ética e moral.

A monogamia esteve em grande medida relacionada a hereditariedade e a propriedade privada, como forma de organização familiar na sociedade capitalista. No contexto histórico, a família tem tido o propósito de garantir que a herança permaneça na linhagem. Para tanto, era necessário garantir e reconhecer a prole, proibindo assim, a liberdade sexual feminina na instituição do casamento, em que a figura masculina é o centro familiar (ENGELS, 2010).

No entanto, na história do amor e sexo da humanidade, os relacionamentos nem sempre seguiram normas de monogamia, ou seja, de estar unicamente com uma pessoa tanto amorosamente, como sexualmente ao longo do relacionamento. A

proposta de monogamia foi criada na era romântica, num contexto social e econômico, que implica em relacionar-se com uma pessoa, casar, ter e criar filhos, na obediência à regra social, falando especificamente da sociedade ocidental (ENGELS, 2010).

Na Grécia antiga a monogamia era exigida apenas para as mulheres, afim de garantir a legitimidade da descendência. As relações sexuais entre homem e mulher não tinham objetivo de prazer, apenas da procriação. As esposas se limitavam a ser uma propriedade do seu marido a quem deveriam ter como parceiro sexual exclusivo, mas quanto a relação sexual do homem fora do casamento, não se contestava.

Trazendo para a atualidade e dentro do assunto aqui exposto, a monogamia e o Poliamor são ideais, que de acordo com Pilão e Goldenberg (2012), estarão permanentemente ligados justamente porque os poliamoristas constroem suas identidades a partir da negação da monogamia. E essa identidade monogâmica não é abandonada completamente, pois em algum momento da relação poliamorosa poderá surgir como formas de expressão no ciúme, na competição ou hierarquia.

2.2 Poliamor

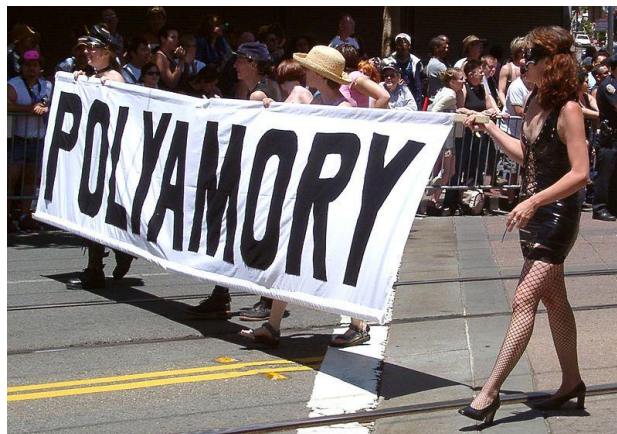


Figura 1 - Parada em prol do Poliamor em São Francisco, EUA (2004)
Fonte: <https://philosophytalk.org>

De acordo com Pilão e Goldenberg (2012), a primeira vez que se usou a palavra Poliamor foi em 1953, relacionando o termo com o fim da instituição familiar nos parâmetros que é conhecida hoje. Ainda segundo os autores, a palavra também foi usada em 1975 nos resumos do 7º Encontro Anual da Associação Americana de Antropologia com o intuito de mencionar que esse seria o futuro dos relacionamentos afetivos da humanidade, associando essa prática a outras como o individualismo, liberdade de pensamento e expressão.

O Poliamor é identificado como a recusa de se manter monogâmico, fiel aos desejos de se relacionar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, desejo esse, que um indivíduo monogâmico possa vir a ter e não vivenciar por estar preso aos preceitos da própria monogamia, ou mesmo, vivenciar esse desejo sem que a outra parte fique sabendo, ou seja, sendo infiel. Assim, o Poliamor passou a ser um modo de expressão de amor a vários parceiros, buscando novos modos de relacionamento.

Com o crescimento da tecnologia e das redes sociais, as interações entre pessoas aumentaram muito, principalmente no que se refere a relacionamentos amorosos. A busca pelo modelo do Poliamor, é um meio de interagir e relacionar com várias pessoas, sem o constrangimento de achar que está enganando alguém ou cometendo adultério e infidelidade. Assim, trata-se de uma expressão de amor e afeto, fora do sistema monogâmico (PILÃO; GOLDENBERG, 2012).

O Poliamor (PILÃO; GOLDENBERG, 2012) é um modelo de relacionamento afetivo/amoroso em que as pessoas envolvidas negam a ideia de monogamia. Segundo os praticantes, todos os envolvidos na relação poliamorosa estão de acordo com o formato da relação (veja a seguir nas figuras 3, 4 e 5), e buscando vivenciar seus desejos sem trair ninguém. O ciúme é superado e substituído pela compersão, onde se sentem felizes em ver o outro feliz e satisfeito por estar envolvido com uma terceira, quarta, ou quinta pessoa.

Entre outros relacionamentos não monogâmicos, o Poliamor dá seus primeiros sinais na década de 60 com movimentos liberais e alternativos de jovens que contestavam o modelo de família americano, surgindo alguns movimentos como o paz e amor, no festival de Woodstock, no ano de 1969, em Nova Iorque, que reuniu jovens que compartilharam música, droga, comida e sexo. (MARIUZZO, 2009)

Esses movimentos contribuíram para a revolução sexual nas décadas de 70 e 80 nos países capitalistas desenvolvidos. A legalização e venda de anticoncepcionais, do aborto em alguns estados dos Estados Unidos, o aumento de pessoas morando sozinhas, os movimentos feministas, a liberação dos homossexuais, a mudança nos hábitos de se vestir, as descobertas e a intimidade com a tecnologia. O desenvolvimento da indústria cultural da música e do cinema contribuiu para a distribuição dessas mudanças pelo mundo.

No decorrer dessas décadas foram realizadas diversas conferências, em grande maioria nos Estados Unidos, para discutir sobre assuntos relacionados às transformações que a família tradicional passava, alguns dos temas abordados foram: liberdade sexual, homossexualidade feminina e masculina, poligamia, troca de casais, casamentos grupais, entre outros.

De acordo com Hobsbawm (1995), a melhor abordagem dessa revolução cultural se dá através da família e da casa, através da estrutura de relações entre sexo e gerações. O casamento formal, a superioridade dos maridos em relação às esposas, e a relação dos pais com os filhos, a ideia de família nuclear se tornou modelo padrão no ocidente nos séculos XIX e XX.

Já na segunda metade do século XX esses modelos de relações afetivas começaram a declinar com muita rapidez, embora que de formas desiguais em lugares diferentes no mundo ocidental e moderno. Como por exemplo, podemos citar os casos de divórcios, na Inglaterra. Enquanto no de 1938 houve apenas um divórcio para cada 58 casamentos, na década de 80 esse número sobe de um divórcio para cada 2,2 casamentos (HOBBSAWN, 1995).

2.3 Conceitos e definições de Poliamor

A palavra Poliamor é derivada do grego *poli* que significa vários, e *amor*, do latim. Como ética, o Poliamor, além de não admitir que o amor seja capaz de excluir as pessoas, parte dos princípios do consenso e da transparência.

Enquanto um movimento, o Poliamor teve início em 1980, nos Estados Unidos, tendo como uma das fundadoras a psicóloga e escritora Deborah Anapol (1951-2015)⁸, citada em centenas de trabalhos em vários idiomas referentes ao poliamorismo. Os movimentos são mais articulados nos Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido. No Brasil, a escritora, psicanalista e sexóloga Regina Navarro, é umas das estudiosas no assunto e tem várias publicações em torno do tema, como por exemplo, O livro de Ouro no Sexo (2005), A cama na varanda (2007), em dois volumes O livro do Amor (2012) e o mais recente, publicado este ano, Novas Formas de Amar (2018).

Entende-se que no poliamorismo, conforme os praticantes desta expressão, existe a possibilidade de amar e ser amado por várias pessoas ao mesmo tempo apoiada na transparência e consentimento entre todos. Seus praticantes acreditam estar satisfazendo o desejo de variedade que existe em algumas pessoas e que muitas vezes, pessoas monogâmicas são frequentemente hipócritas e traidoras. No entanto, a prática do Poliamor ainda é vista com certo estranhamento pela sociedade em geral. Como um novo tipo de relacionamento afetivo é um fenômeno recente e ainda passa por um processo de mudanças e adaptações.

Como conceito o Poliamor se define numa relação afetiva e possivelmente sexual entre múltiplos indivíduos com clareza e consentimento entre os envolvidos. Vejamos algumas definições do termo:

⁸ <http://www.lovetwithoutlimits.com/>

Tabela 1 - Definições do Termo Poliamor

Referências	Definições
Wolfe (2003)	Prática que compartilha abertamente e eticamente amores múltiplos.
Barker (2005)	É uma relação em que é possível e aceitável amar muitas pessoas e manter várias relações íntimas e sexuais simultaneamente, sendo aberto e honesto dentro deste relacionamento.
Haritaworn, Lin e Klesse (2006)	A hipótese de ser possível, válido e útil manter relações íntimas, sexual e/ou amorosa com mais de uma pessoa.
lovemore.com (2011)	Poliamor se refere ao amor romântico manifestado de forma ética e honesta, com mais de uma pessoa, e com o pleno conhecimento e consentimento de todos os envolvidos.
Oxford Dictionaries Online (2011)	A filosofia ou o estado de estar apaixonado ou envolvido romanticamente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo.
polyamory.org.uk (2011)	Poliamor é uma filosofia e um estilo de vida baseado na formação e manutenção de relacionamentos com múltiplos parceiros de uma forma aberta, honesta e não possessiva.
Wikipedia (2011)	A prática, o desejo ou a aceitação de ter mais de um relacionamento amoroso e íntimo simultaneamente, com o pleno conhecimento e consentimento livre de todos os envolvidos.
Xeromag.com (2011)	É a filosofia e prática não possessiva, honesta, responsável e ética de amar várias pessoas ao mesmo tempo. Poliamor dá ênfase a escolha consciente do número de parceiros que a pessoa deseja estar envolvida, ao invés de aceitar as normas sociais que ditam amar somente uma pessoa de cada vez.

Fonte: Sandra Elisa de Assis Freire - João Pessoa, 2013.

A palavra Poliamor na ferramenta de busca da internet Google, no ano de 2017 remeteu a 771.000 *links* brasileiros, já a palavra *polyamory* 2.650.000. No ano de 2018 a busca levou a 1.780.000 *links* brasileiros, e a palavra *polyamory* mostra 5.230.000 resultados em diferentes idiomas. Existem vários grupos no *Facebook*, *sites* e *blogs* para discutir o assunto e expor as experiências de poliamoristas que narram seus cotidianos e que são abertos a questionamentos e investigações acadêmicas.

O Poliamor como estilo de vida surge pela contestação do modo de vida familiar da modernidade e seu caráter de monogamia. O que o diferencia do relacionamento aberto, em que o relacionamento exclusivamente sexual é permitido

fora da relação, é o afeto, pois embora não haja contato sexual entre alguns dos envolvidos na relação poliamorosa, existe o respeito e aceitação entre todos. No Poliamor não existe a representação do “enganar alguém”, se parte da representação por parte dos poliamoristas, da “honestidade” na relação e que os sentimentos surgidos nas relações que vão além da relação sexual, é que é que se constrói o afeto.

Para os pesquisadores Antônio Pilão e Mirian Goldenberg (2012), uma das marcas dos poliamoristas é um discurso de aceitação e valorização das diferenças, entretanto, é apresentada uma “diferença” de difícil administração. Entre a “aceitação” e a “negação” existe um conflito e uma tentativa de convencimento, de um lado os monogâmicos que valorizam a exclusividade e de outro os poliamoristas que a negam e acreditam ser maléfica.

Segundo Navarro⁹, com o passar do tempo, menos pessoas irão querer ficar fechadas numa relação monogâmica. Mas argumenta que não é tão fácil aderir ao Poliamor, pelos próprios tabus construídos ao longo da vida pela imposição das regras sociais.

Pode-se perceber, deste modo, que a ideia de fidelidade e amor são construções sociais, atribuídas ao casamento monogâmico.

Deste modo, relacionar a fidelidade e o amor à sexualidade, parece estar apenas no imaginário de algumas pessoas, uma vez que a fidelidade e amor são construções sociais. Ainda segundo Navarro,

(...) O amor é uma construção social que em cada época da história se apresenta de uma forma diferente (...) Até o século XII só podia amar a Deus, a partir desse momento histórico surge o amor romântico, que as pessoas passam a idealizarem uma outra para amar e vai desejar que a essa outra pessoa seja tudo aquilo que desejou e vai sempre cobrar que essa outra pessoa se enquadre em seus projetos românticos (...) Nos dias atuais o amor romântico começa a sair de cena, estamos vivendo um momento de busca da individualidade, as pessoas querem se descobrir e vivenciar seus desejos (...)

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=AMDF7bJdJfo>

Em muitas culturas, como os gregos, não havia o conceito de fidelidade, embora houvesse o conceito de ética e família. Assim, não se pode relacionar fidelidade a sexualidade e relacionamento. Trata-se, antes de tudo, de uma construção social criada pela sociedade.

2.4 Formas de Poliamor

No Poliamor, além de existir o comprometimento e aceitação entres os parceiros, existe também várias maneiras de se relacionar uns com os outros, vejamos a tabela a seguir:

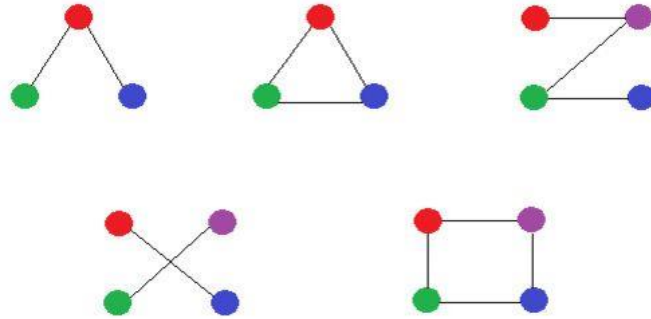
Tabela 2 - Formas de Poliamor

Polifidelidade	São múltiplas relações afetivas com contato sexual restrito a parceiros do grupo.
Sub-relacionamentos	Se diferencia entre as relações primárias e secundárias, exemplo, um casamento aberto, em que um ou os dois parceiros permitam ter relações extraconjugais.
Poligamia	Poliginia: O homem tem relações sexuais com várias pessoas. Poliandria: A mulher tem relações sexuais com várias pessoas.
Relações de grupo	Todos são considerados de forma igualitária no grupo.
Redes de Relacionamentos interconectados	Uma só pessoa tem relações de diversas naturezas com diversas pessoas.
Relações Mono/Poli	Um dos parceiros é monogâmico, mas permite que o outro tenha relações exteriores.
Acordos geométricos	São descritos de acordo com o número de pessoas envolvidas e pelas ligações.

Fonte: <http://www.saidaqui.com.br/quinta-sexual-63-sobre-poliamor-e-monogamia/>

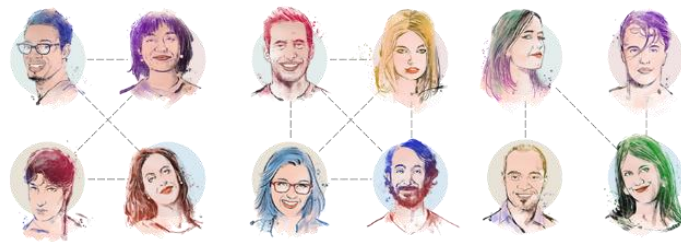
Possibilidades de relacionamentos poliamorosos

Círculos indicam pessoas; linhas indicam envolvimento sexual e/ou afetivo



BBC

Figura 2– Formatos de Poliamor
 Fonte: br.pinterest.com/pin



QUARTETO

Há também os "quartetos", ou "quadras", compostos por **quatro membros**. Pode existir relação entre duas ou mais pessoas do grupo

QUADRADO

O quadrado é quando **todos se relacionam diretamente**. Podem envolver homens ou mulheres e normalmente todos são bissexuais

QUADRA EM 'N'

As quadras em "N" envolvem **dois homens e duas mulheres e apenas elas são bissexuais** e se relacionam entre si

Figura 3 - Formatos de Poliamor
 Fonte: tab.uol.com.br/poliamor



Figura 4 - Formatos de Poliamor
 Fonte: emaze.com/@AIOQOIZR/POLIAMOR

Como se pode observar, os poliamoristas criaram vários formatos de relacionamento, dando-lhes muitas possibilidades de encontrar amor e afeto e satisfazer seus desejos.

Pode-se dizer que umas das principais facetas do Poliamor está na compersão, ou seja, a ausência de ciúme e o bem-estar que advém de se observar a pessoa amada sendo feliz ao lado de outra pessoa.

Assim, uma atitude desprovida de ciúme e permeada de compersão é a principal característica dos poliamoristas. Desta feita, vale salientar que, a maior crítica dos adeptos do Poliamor aos monogâmicos é que, apesar do ciúme, há recorrentes casos de adultério e traição, neste modelo de relacionamento.

3. SOBRE O POLIAMOR

O Poliamor pode ser entendido como uma construção de uma identidade a partir da negação da monogamia como modelo de relacionamento e afirmação do

que são e acreditam. Uma construção carregada de ambiguidades, poliamor/monogamia; honestidade/mentira; liberdade/prisão; compersão/ciúme. Embora haja constantemente o risco de um retorno, mesmo que temporário à monogamia (PILÃO; GOLDENBERG, 2012).

Um indivíduo pode ser poliamorista sem necessariamente estar engajado em nenhuma ou apenas uma relação amorosa, mas apenas adotar como postura para sua vida.

Ao se realizar uma análise sobre o Poliamor, entende-se que este seja uma alternativa ou opção da não monogamia, uma vez que, como em outras dicotomias, o Poliamor também depende de seu oposto para ter sentido. Assim, enquanto em uma relação monogâmica, existe apenas exclusividades entre dois parceiros, o Poliamor permite que haja mais parceiros comprometidos com a relação.

Porém, os poliamoristas também não se juntam aos polígamos, pois entendem que estes foram estabelecidos em culturas extremamente machistas, onde o homem é absoluto, se relacionando com muitas mulheres. Exemplo disto são algumas sociedades ameríndias e de mulçumanas, onde tais práticas são bem conhecidas e aceitas em suas culturas. Isto, no entanto, não se identifica com o conceito do Poliamor (PILÃO; GOLDENBERG, 2012).

Outro fator a considerar são os praticantes de *swing*, que mantêm uma relação aberta, permitindo que o casal tenha relações com outros casais. Embora esta forma de relação sexual seja aberta e permita mais pessoas na vida sexual, seus praticantes pregam que são monogâmicos, pois o seu amor e afeto, devem apenas ao seu cônjuge.

Assim, o Poliamor em sentido social, não está inserido no âmbito da poligamia, nem da monogamia e nem entre os praticantes de *swing*. Pois, na concepção dos poliamoristas, o amor e o afeto pode ser dado a mais de uma pessoa, sem a existência do ciúme e da cobrança por exclusividade.

Segundo Pilão e Goldenberg (2012, p. 65):

Quando se enfatiza a percepção hierárquica das identidades, aparecem as práticas da “monogamia”, “swing”, “relacionamento aberto” e “Poliamor” dispostas em uma escala evolutiva, estando a “monogamia”, para os pesquisados, no estágio menos desenvolvido por envolverem maior grau: ciúme, competição, controle, posse e mentira. Já o Poliamor, representaria o ápice evolutivo da escala estando articulado à liberdade, igualdade, cooperação, ‘compersão e honestidade. Nesta lógica, funda-se um binarismo identitário onde a monogamia é o “outro absoluto” do Poliamor e o relacionamento aberto ‘e o ‘swing’ o “entre lugar”.

Não há dúvidas que os relacionamentos vêm passando por mudanças ao longo da história, sobretudo com muita intensidade a partir das décadas de 60 e 70 quando houveram movimentos por uma maior liberalidade nos comportamentos e que nos dias atuais exista muito mais possibilidades de se relacionar afetivamente.

Neste contexto, pode-se dizer que se o divórcio e a separação tinha pouca aceitação social nas décadas de 1960 e 1970, atualmente a prática da separação de casais se encontra menos estigmatizada. Podemos observar também maior frequência em mulheres que decidiram ter filhos sem a presença da figura masculina do pai, quer por produção independente ou inseminação artificial. A mulher grávida e solteira é também mais comum e aceita com as transformações da sociedade. Assim, há uma grande tendência para que o Poliamor ganhe também espaço nas relações afetivo-conjugais na contemporaneidade (PILÃO; GOLDENBERG, 2012).

O que pode ser entendido com as afirmações dos autores é que os fatos sociais inaceitáveis ou ignorados em determinadas épocas da história, em outras podem se tornar aceitos ou “normalizados” nos comportamentos sociais devido aos processos de transformação que a sociedade sempre passou.

3.1. A Cultura Do Poliamor

O presente capítulo apresentará alguns depoimentos disponíveis na *internet* com casais que se relacionam utilizando a perspectiva do Poliamor. Neste preceito, homens e mulheres convivem maritalmente com várias pessoas ao mesmo tempo sem ciúmes e sem cobranças.

Algo notório nesses depoimentos foi que nestes relacionamentos existem algumas regras, com consentimentos e transparências. Nada pode ser feito de forma obscura, ou sem que haja permissão dos envolvidos no relacionamento.

Vale ressaltar que esses depoimentos foram feitos da forma que essas famílias poliamoristas querem ser mostradas, impedindo uma análise mais aprofundada sobre algumas categorias, como por exemplo, o poder nessas relações.

3.2 Fada, Léo e Bardo



Figura 5 – Trisal poliamorista
Fonte: www.bardoefada.com.br

A foto acima mostra a família poliamorista mais famosa no Brasil, da *internet* e de entrevistas em meios de comunicação relacionadas ao Poliamor. Vanessa, conhecida por Fada é casada com Ricardo, com alcunha de Bardo, há treze anos e há sete anos casada com também com Leonardo. Convivem na mesma casa, dividem as despesas, tarefas domésticas e criam as duas filhas do primeiro casal, num ambiente familiar de dois pais e uma mãe, Fada tem relacionamento sexual com os dois, mas estes não se relacionam sexualmente.

De acordo com Fada, eles vivem como se fossem um casal, tendo projetos de vida e objetivos, trabalhando e mantendo-se em sentido financeiro. Neste caso, o importante para eles não é o sexo em si, mas a possibilidade de demonstrarem

amor por mais de uma pessoa ao mesmo tempo, e sentir que é amado de forma múltipla e intensa.

Eu amo o Bardo, eu amo o Léo, eu amo eles em intensidades, eu gostaria de ficar com os dois pra sempre se fosse possível. Tem envolvimento sexual também, vivemos todos juntos na mesma casa, temos projetos de vida. É como se fosse um casal normal que casou e quer fazer tudo junto, trabalhar, enfim, temos nossos objetivos. Então nós nos amamos, eles como amigos e eu amo os dois como meus companheiros.

Bardo: Nós começamos nosso relacionamento monogâmico, porque não sabíamos que tinha opção [...] os quatro primeiros anos foram muitos dolorosos *pra* gente, de ter que se comportar nesse modelo, a gente começou a cobrar coisa um do outro que não queria cobrar, a gente cobrava porque *tava* na cartilha e a gente foi se dando conta que esse era o problema (a monogamia) e começamos a conversar até conseguir sair do modelo [...].

Léo percebeu que a relação a três ficou ainda melhor com a presença das duas filhas de Bardo e Fado, que não tinha planos de ter filhos e que agora é pai também das duas e que se dar muito bem com as meninas.

Bardo e Fada formavam um casal monogâmico, mas não se adaptavam a este modelo, sentindo-se frustrados. Depois de sete anos, resolveram buscar o modelo poliamorista, onde encontraram satisfação pessoal. A relação a três é aberta e um não tem nada a esconder um do outro. Algo que eles buscam neste relacionamento é a autonomia e liberdade.

Observa-se que a procura destas pessoas pelo modelo poliamorista é na verdade uma “busca pela liberdade”. Os três entendem que não devem ter uma vida moldada pelos preceitos da moralidade monogâmica e levam a sua vida de acordo com os seus próprios conceitos e sentem-se confortáveis em tal situação.

De acordo com Berger (1976), o homem comum e normal é aquele que não se permite mudar o modelo da sociedade. Mesmo que em suas fantasias, ele deixe de ter comportamentos morais e tradicionais, na vida real, ele mantém um casamento monogâmico e fiel, afinal é isso que a sociedade espera dele. Assim, ele mantém a vida não de acordo com o que acredita e anseia, mas de acordo como foi-lhe ditado desde a infância.

Os poliamoristas parecem querer romper esta dinâmica de controle social, se soltar das amarras de modelos tradicionais de relacionamentos e vivenciar seus desejos. Talvez isto esteja atrelado a uma das características da Pós-Modernidade, que é o imediatismo das relações intersubjetivas, ou mesmo de não adiar “as vontades”.

3.3 Klinger, Angélica e Paula



Figura 6 - Paula, Klinger e Angélica

Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/poliamor-homem-e-2-mulheres-registram-em-cartorio-uniao-a-3,2aec7e7abe10835d47cb7168db8979bf93thm8t1.html>

Outro “trisal” assistido foi Klinger, Angélica e Paula, de Jundiaí, São Paulo, desta vez um homem e duas mulheres¹⁰. Eles relatam que fazem tudo a três, desde tarefas de casa, pagamento de despesas a relações sexuais. Após alguns meses apenas de um casamento monogâmico entre Klinger e Paula, eles aceitaram a entrada de Angélica. O “trisal” está junto há três anos e o relacionamento segundo eles, só tem se fortalecido com o tempo, compartilhando preocupações e alegrias, estão muito felizes neste tipo de relacionamento. Algo interessante é que a relação

¹⁰ Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NHE1f6aAJhk&t=442s>>

Acesso em 15 de abr. 2017.

dos três foi registrada em cartório, para poderem mostrar às pessoas que há possibilidade de haver este tipo de relacionamento.

De acordo com a fala de Klinger:

[...] tudo que a gente faz é compartilhado, é discutido antes, se tem alguma coisa que a Angélica não concorda, a gente fala, então como vamos resolver isso? Eu concordo e a Paula também concorda, se ela acha que deve ceder nesse momento, ela diz: eu vou ceder por vocês. E da mesma forma se ela quer fazer alguma coisa que a gente não gosta, a gente cede também por ela, e assim segue a vida [...] Nós quisemos registrar para ajudar as pessoas, mostrar que haveria como fazer isso, pra gente não ia diferenciar muita coisa, é só um papel, o que importa é o que a gente vive.

O próximo passo do “trisal” é fazer uma cerimônia de casamento, não religiosa, mas com todas as tradições como festa, fotos, bolo e etc. O sonho deles é terem um filho. A esposa escolhida foi Paula, devido ser a mais velha. Mas pretendem colocar na certidão de nascimento da criança o nome do pai e das duas mães.

De acordo com os três, eles se apresentam para as outras pessoas como marido, esposa e esposa ou esposa, esposa e marido e as pessoas não falam nada, apenas “olham de forma diferente”, ao mesmo tempo em que, nas redes sociais, escrevem coisas absurdas e cheias de preconceitos.

De acordo com Giddens (1993): “a diversidade sexual, embora encarada como perversão por alguns grupos hostis, saiu dos cadernos de anotações dos registros de casos de Freud para o mundo social cotidiano”.

Nota-se que as pessoas nesta relação apresentam uma nova perspectiva de família, totalmente diferente do conceito de família tradicional. O fato de certificarem legalmente a relação mostra que querem dar a outras pessoas visibilidade e legitimidade social. Cabe ressaltar que já existe no Brasil alguns cartórios que realizam união estável entre mais de duas pessoas.

3.4 Audhrey, Ritoca e Eustáquio



Figura 7 - Ritoca, Eustáquio e Audhrey

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/01/1732932-casais-de-3-ou-mais-parceiros-obtem-uniao-com-papel-passado-no-brasil.shtml>

Este relato parte de um vídeo da internet, como os anteriores. Um fato curioso e que não passa despercebido é que são com pessoas mais maduras, na casa dos cinquenta anos, Audhrey, Eustáquio e Ritoca, de Minas Gerais¹¹.

Audhrey e Eustáquio se casaram em 1988 e tiveram um filho, em 1997 resolveram se separar. A vida deles juntos não dava certo, devido a incompatibilidade de personalidades. Embora tivessem tentado muitas vezes se reconciliarem, sempre acabavam se separando. Até que, num determinado momento, já separados judicialmente, no ano de 2016, Eustáquio conhece uma outra mulher, Ritoca e começam um novo relacionamento. Oito meses depois, eles se casam.

Embora Eustáquio estivesse em um novo casamento, por questões judiciais, voltou a se encontrar com a ex-mulher Audhrey, e o desejo de voltarem a viver juntos reacendeu. Porém Eustáquio não abria mão de sua atual esposa Ritoca. Assim, os três resolveram morar juntos. A tentativa deste relacionamento se deu devido a todos os envolvidos estarem apaixonados e não abrirem mão um do outro, que é a lógica do Poliamor.

¹¹ Entrevista disponível em:

<https://www.facebook.com/swingexperience/videos/vb.281442668915575/317711258622049/?type=2&theater>

Acesso em 11 de maio de 2017.

Porém, não foi nas primeiras tentativas que a vida a três deu certo. Tiveram problemas de relacionamento no início, e decidiram que este modelo não iria adiante. O problema foi de adaptação da nova esposa Ritoca, pois estava acostumada a viver com Eustáquio sozinha já a alguns anos. Depois de um ano e meio, eles tentaram mais uma vez, e mais uma vez a tentativa não deu certo. Na terceira tentativa eles conseguiram entender que precisavam relativizar alguns valores sociais, para poderem viver felizes, e que as esposas precisavam se conhecer melhor. A interação entre elas fez com que desse certo desta vez.

Audhey diz não se ver mais longe de Eustáquio e Ritoca:

[...] Hoje em dia eu não quero mais o Eustáquio sozinho só pra mim [...] a Ritoca é mais que uma irmã para mim.

Completa Ritoca:

[...] Eu sou muito feliz hoje, nós nos complementamos. Eu também não abro mão, amo a Ká como minha irmã, minha irmã de alma e que compartilha o Eustáquio comigo [...] confio nela plenamente e de olhos fechados [...]

Depois de um ano de convivência, eles passaram a ter mais segurança, o ciúme entre as mulheres acabou, e passaram a fazer acordos inclusive sobre as alternâncias de relações sexuais. Decidiram que Eustáquio dormiria com cada mulher a cada semana. Eustáquio tem o seu quarto, onde dorme uma semana com cada esposa, e cada uma das esposas tem o seu quarto, quando dormem sozinhas.

Eles procuraram um cartório para oficializar a união, segundo eles: “quando um relacionamento está muito bom, você quer tornar público, que oficializar, estabelecer regras, quando morrer, enquanto viver, de benefícios”.

No mesmo documentário, a tabeliã Fernanda de Freitas Leitão, da cidade do Rio de Janeiro, registrou pela primeira vez uma união estável poliafetiva em 2012 e que em 2015 registrou outra união entre três mulheres¹², que segundo a tabeliã foi

¹² Matéria publicitária encontrada na página de internet: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,rio-registra-primeira-uniao-estavel-entre-3-mulheres,1781538>

divulgado nas mídias de todo mundo e que levantou opiniões divergentes dentro da área jurídica, mas a mesma defende o registro de união estável poliafetiva sob a alegação de que o que não está vedado é permitido.

A tabeliã se respalda na decisão do Supremo Tribunal Federal de 2011 que equipara a união afetiva com o casamento, ela argumenta:

[...] a Constituição fala em união entre homem e mulher, mas também não veda a união entre pessoas do mesmo sexo. O conceito de família na Constituição é um conceito plural e aberto [...] O que importa hoje em dia no direito de família é a relação de afeto que existe entre as pessoas.

O motivo destas pessoas aceitarem o modelo poliamorista, não tem apenas ligação com o desejo de obter liberdade. Eles optaram por este modelo por não quererem abrir mão de se relacionarem com uma pessoa que amam, em detrimento da outra. É um típico caso em que se mostra possível enfrentamentos e rupturas frente a estigmas e sistemas de controle moral e social.

Podemos perceber que as mudanças também já chegaram na esfera jurídica, mesmo que ainda em pequenos passos e muita polêmica. A Comissão Nacional da Justiça, entidade que controla os cartórios de registros no país, iniciou em abril deste ano a votação que deve julgar sobre a permissão ou não de registros de união poliafetiva no território nacional¹³.

3.5 Henrique, Isadora E Luís

Este último relato é com os baianos Henrique, produtor de cinema, Isadora, médica e o geriatra Luís, o trisal¹⁴ mais jovem analisado. Henrique conheceu Isadora

Acesso em 30 de março de 2018

¹³.https://oglobo.globo.com/sociedade/cnj-julga-legalidade-de-uniao-poliafetiva-22682855?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo

Acesso em 18 de maio de 2018

¹⁴ Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tDqpTzCJL2A>>

no hospital, onde ela trabalhava e onde ele estava fazendo um documentário. Depois de começarem a namorar, Isadora conheceu Luís em seu ambiente de trabalho, resolveram ter um relacionando a três.

Sabiam, entretanto, que viverem esse novo modelo de afetividade não seria fácil, pois encontrariam grande barreira na família, pois, tradicionalmente, suas famílias viviam em um sistema monogâmico de fidelidade incondicional. Assim, assumir uma nova postura diante de um ambiente familiar tão tradicional, sem dúvida representava aceitar novas relações altamente conflituosas.

Luís sofreu forte preconceito por parte da família, onde o seu pai o deserdou e cortou relações com ele. Luís diz que a sua família agora se resume a ele, Henrique e Isadora. A família de Isadora e de Henrique, embora tenham estranhado este comportamento no início, aceitaram com mais facilidade. Por ocasião desta entrevista, eles já estavam morando juntos há três anos.

[...] Meu pai me deserdou e finge que não existo, minha família se resume a vocês [...] temos planos de viajar juntos e de termos dois filhos [...]

Já a família de Henrique aceitou o tipo de relacionamento do trisal com menos resistência. “Minha família sempre foi muito aberta *pra* esse tipo de coisa, no início estranhou um pouquinho, mas depois foi tranquilo”.

Os planos dos três é viajar muito juntos e futuramente terem dois filhos, um de cada pai. Eles desejam divulgar a todos este novo tipo de relacionamento, para que mais pessoas conheçam e possam também optar por este estilo de vida.

O comportamento destas pessoas aparenta agrupar uma série de sentimentos, primeiro o de expressar amor um pelo outro, o segundo de liberdade de escolha e por último, o de darem a sociedade um exemplo de que a convivência marital para ser feliz não depende de uma relação tradicional a dois e heterossexual.

De acordo com Berger (1976), a mudança de perspectivas em um espaço físico nos acompanha desde nossa infância, onde buscamos a todo instante mudar o que somos, quer por meio de ações ou por meio de representações.

A preocupação de formalizar estas relações juridicamente, que perpassa a maioria dos sujeitos aqui analisados, demonstra esta questão da tentativa de mudança por meio de um processo que, mesmo sendo a princípio estritamente jurídico visa, em última instância, à legitimação social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como o Poliamor se apresenta como mais uma nova forma de se relacionar afetivamente no contexto da contemporaneidade.

De um modo geral, os poliamoristas demonstraram que as pessoas estão em busca de vivenciar seus desejos, se livrar de suas frustrações e não se render às amarras da cultura monogâmica e ainda contribuir para os debates sociais, jornalísticos e jurídicos. É possível afirmar que o Poliamor se apresenta nos dias atuais como uma nova expressão de afeto entre mais de duas pessoas ao mesmo tempo remetendo a reflexões sobre vários conceitos: de fidelidade, monogamia, controle social, estigma, moral, sexualidade e amor.

O Poliamor pode ser compreendido como prática, como desejo e como aceitação de um relacionamento afetivo/amoroso não monogâmico. Pode ser definido como estilo de vida, podendo uma pessoa ser poliamorista e não estar dentro de nenhuma relação. Assim, foi preciso analisar este formato de relacionamento em suas nuances e conflitos, entendendo como possibilidade e processo de transformação da sociedade.

Os casos aqui apresentados demonstraram sinais de que um novo modelo de relacionamento afetivo surgiu e está em debate em diversas esferas da sociedade. Desde a década de 70 quando os jovens começaram a contestar os modelos tradicionais da família, os relacionamentos afetivos passaram por algumas transformações. A pesquisa permitiu evidenciar e apontar um novo tipo de relacionamento afetivo que emerge no contexto da sociedade contemporânea.

O trabalho apresentou alguns depoimentos que estão disponíveis na *internet*, analisando o motivo dessas pessoas aderirem a este novo modelo de relacionamento. Dentre os motivos apresentados estão: o desejo de liberdade, deixar um exemplo para outras pessoas, a dificuldade de se desfazer de antigos relacionamentos e por fim de poder “mostrar para sociedade um novo comportamento”.

Pode se notar que os poliamoristas investigados pertenciam a variadas faixas etárias. Isto significa que o Poliamor não é um modelo de relacionamento apenas para pessoas mais jovens, e sim que se apresenta nas mais fases da vida amorosa.

Dada à importância do tema, torna se necessário o desenvolvimento de novos estudos e leituras que visem à investigação continuada para estudantes e pesquisadores, que possam desencadear novas pesquisas visando o enriquecimento do debate, especialmente no campo das ciências humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. **Vida para o Consumo**: A transformação das pessoas em Mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERGER, P. **Perspectivas Sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1976.

CARDOSO, L. S. **Exercícios e notas para formular uma pesquisa**. Rio de Janeiro: Papel virtual, 2000.

COSTA, T.; BELARMINO, M. C. Poliamor: da institucionalização da monogamia à revolução sexual de Paul Goodman. **Revista IGT na Rede**, dez. 2015. 411-429.

DELERUE, R. C. Os frágeis alicerces da monogamia, 2014. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/os-frageis-alicerces-da-monogamia.pdf>>. Acesso em: 12 fevereiro 2018.

DOMINGUES, J. M. **Interpretando a modernidade**: imaginário e instituições. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 2, 1984.

FREIRE, S. E. D. A. **Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos**. UFPB. João Pessoa, p. 257. 2013.

FRIDMAN, L. C. Vertigens pós modernas (Giddens, Touraine, Bauman). **Lua Nova**, São Paulo, v. 47, 1999.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1993.

HOBBSBAWN, E. J. **Revolução Cultural**. In: Era dos Extremos: O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARIUZZO, P. Woodstock: 40 anos do festival que marcou a música e as gerações. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 61, 2009. ISSN 2317-6660.

PILÃO, A. C.; GOLDENBERG, M. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. **Ártemis**, v. XIII, n. V, p. 62-71, Janeiro 2012.